

CAPÍTULO 2

PRESSÁGIO

Terra – Ano 1007 da Nova Humanidade – América do Sul – Cidade de Cristo – Academia Próxima Geração.

Senji e Kazékiu conversavam em uma sala particular. No local havia três poltronas dispostas uma ao lado da outra, de frente para uma mesa, onde do outro lado estava o ancião, sentado. Um ar condicionado refrescava o ambiente, as paredes eram cromadas, a porta, de vidro. Duas palmeiras em vasos de cerâmica enfeitavam o lugar.

— Como é bom sentar e relaxar um pouco... – Senji deleitou-se sobre a poltrona, parecia exausto. — Essa sala é realmente ótima. Mas eu ainda prefiro a da prefeitura – fez uma breve pausa, para tomar um gole de café contido na xícara em suas mãos.

— Eu concordo, mas como estou dando aulas aqui hoje, não tive outra opção. Sorte a nossa que o diretor da academia cedeu seu escritório para a nossa conversa – Kazékiu também tomou um gole do líquido na xícara em suas mãos. — Mas me conte como foi a viagem.

— Foi bem tranquila, a verdade é que eu não fiz quase nada – aparentou decepcionado. — Se não fossem minhas habilidades, eu seria apenas um incomodo pros cavaleiros Signios que me acompanharam. Eles fizeram praticamente tudo sozinhos. Comecei a pensar que seria melhor não ter sido enviado pra essa missão.

— Não diga isso. Minha principal meta era que você conseguisse experiência, colocando em prática tudo que aprendeu aqui. No futuro, essa pequena aventura poderá fazer uma enorme diferença.

— Eu sei... O importante, é que conseguimos aquilo que o senhor solicitou – Senji retirou da mochila um objeto envolvido em bandagens. — A prova de que a missão foi um sucesso – colocou sobre a mesa. — Fora problemas com mutantes, a parte mais difícil foi encontrar o tal templo asteca onde ela tava. O que tem de tão especial nessa relíquia?

— Acredite, os seus esforços não foram em vão – ele retirou as bandagens, verificando cuidadosamente o objeto, uma vez convencido de que era o que buscava, enfaixou novamente. — Essa é uma arma muito es-

pecial, uma lembrança da guerra que antecedeu a atual, uma relíquia extremamente poderosa, mas na verdade... – devolveu o objeto para Senji. — É o seu presente de formatura.

— Presente? Tem certeza disso, mestre? – estranhou a decisão de seu professor. — Se esse objeto é tão poderoso quanto diz...

— Mesmo que não acredite em seu próprio potencial, você é inteligente e habilidoso, tenho certeza que se tornará um grande cavaleiro algum dia, e essa é a maior prova de que acredito em você. Guarde-a com muito cuidado, e use-a com sabedoria.

— Não sei se mereço algo assim – estava incerto sobre aceitar, mesmo hesitante, recebeu de volta.

— Você precisa ter mais confiança em si mesmo, Senji. Acredite que pode, e você o fará. Eu já lhe ensinei tudo que eu podia. A partir de agora, você deve trilhar o seu próprio caminho. Amanhã eu vou enviar uma carta de recomendação pra Signios, você já está preparado. Por enquanto descanse e volte pra sua família, aproveite todo tempo que tiver com eles, se for aprovado, ficará muito tempo sem vê-los.

— Realmente, tenho saudade deles. Obrigado por tudo, mestre. Com a sua permissão... – se levantou.

— Ah! Quase ia me esquecendo... – Kazékiu o deteve. — Eu entendo que também não goste do tema, mas você precisa conversar com Izabell sobre aquilo, tem que tentar convencê-la a contar a verdade. Já está na hora dele saber de tudo. Será pior se ele descobrir sozinho.

— O tempo está acabando?... – pareceu aflito.

— As mudanças estão progredindo de forma regular, mas pode haver uma alteração a qualquer instante. Não tenho certeza sobre o tempo que ainda resta, mas quando chegar a hora, não vamos conseguir evitar que ele seja levado. Entende o que quero dizer?

— Ele é apenas uma criança...

— Eu sei... Me sinto da mesma forma, mas não posso negar os fatos... – suspirou. — Mesmo que seja doloroso, é o melhor a ser feito.

— Eu vou conversar com ela, mas não prometo nada.

— Agradeço a compreensão, Senji.

— Vou indo, tô louco pra chegar em casa, comer e dormir por um bom tempo. E acima de tudo, quero rever minha amada... – um sorriso e um olhar apaixonado desabrocharam-se em seu rosto.

— Pai...? – escutou-se uma voz infantil.

— Hum?... – ao olhar para o lado, Senji se deparou com Gabriel.

— É você mesmo?! – quis confirmar, enquanto um enorme sorriso se abria em seu rosto.

— O que foi? Tô tão diferente assim? – sem perder tempo, Gabriel saltou para os abraços de Senji, dando-lhe um apertado abraço, o mesmo correspondeu, com um dos braços, evoluiu-lhe a cintura, e com o outro, acariciou a cabeça do garoto. — Tava com saudades desse abraço! E você ficou bem mais forte desde a última vez!

— É claro que eu fiquei mais forte! Eu treinei duro esse tempo todo! – declarou, orgulhoso. — Tava com saudades de você, papai.

— Eu também. Pensei em você e em sua mãe durante toda a viagem! – eles se afastaram, Senji continuava acariciando a cabeça dele.

— E o que você está fazendo aqui, Gabriel?! – aproximou-se Kazékiu. — Você não deveria estar meditando?!

— Eu sei! Mas o senhor tava demorando muito, e eu não tava conseguindo me concentrar, meu braço começou a doer de novo, por isso vim te procurar.

— O que tem de errado com seu braço? – questionou Senji.

— Ele começou a doer umas semanas atrás. Eu exagerei um pouco nos exercícios. Senhor Kazékiu disse que devia ser algum músculo. Ele cuidou do meu braço, mas ele ainda dói de vez em quando.

— Problemas no músculo, né? – Senji pareceu preocupado, seus olhos demonstravam uma grande aflição.

— Talvez nós não demos tempo pra ele se recuperar. Com um pouco de descanso, tenho certeza que ficará melhor logo. E já que você tem se dedicado bastante, e eu sei que está querendo ter alguns dias livres, vou recompensá-lo pelos seus esforços te dispensando do treinamento pelo resto da semana.

— É sério?! – se animou. — De verdade?!

— Sério! Pode descansar, brincar com seus amigos, e aproveitar o seu pai que acabou de voltar. Curta bastante!

— Muito obrigado, mestre Kazékiu! – ele não hesitou em abraçá-lo.

— Tudo bem, mas não abuse! Quero você aqui Segunda, e sem atraso! E não se esqueça de meditar em casa antes de dormir! – ordenou.

— Sempre com essa coisa de meditação... – Gabriel pareceu um pouco aborrecido. — Mas tudo bem! Não importa! Eu ganhei alguns dias de folga! – ria, cheio de alegria.

— Aproveite bem! – Kazékiu acariciou-lhe a cabeça. — E novamente, seja bem vindo de volta, Senji! Que tenha um bom descanso. Vou indo, tenho muitas coisas pra resolver na prefeitura.

— Tenha uma boa noite, mestre.

— Até Segunda, senhor Kazékiu! – o garoto acenou com a mão.

— Venha, vamos pra casa, baixinho.

— Vamos! Mamãe deve tá esperando a gente com um jantar daqueles! – ele passou a língua entre os lábios, já imaginando a suculenta refeição que os esperava.

— Com certeza!

— Mas olha só que surpresa, bem que minha intuição já dizia para vir aqui hoje... – dos olhos verdes, cabelos azulados, pele clara e reluzente, seios fartos, e curvas perfeitas, a mulher que chegava era encantadora, estava trajada em um vestido azul, e calçava um salto alto. — Seja bem vindo de volta, Senji.

— Izabell... – ele se surpreendeu, seus olhos brilharam de admiração, e seu queixo quase foi ao chão com tanta beleza. — Continua linda como sempre, minha flor azul.

— E você continua charmoso como sempre, especialmente quando tá babando desse jeito – Izabell riu, enquanto limpava um pouco de saliva que escorria da boca dele, deixando-o sem graça. — E você precisa de umas roupas novas com urgência – ironizou.

— Até que elas aguentaram bem a aventura... – ele riu.

— É bom tê-lo de volta – ela acariciou-lhe o rosto. — Foram sete longos meses. Se tivesse avisado, eu teria caprichado no jantar hoje.

— Me desculpe, eu tava pensando em fazer uma surpresa, mas não foi exatamente como planejei.

— O importante é que você está aqui agora – e com um beijo, eles selaram o reencontro.

— Como sentia falta desse beijo – ele desfrutou a sensação.

— Tem muito mais de onde veio esse.

— Ei! Eu também tô aqui! – Gabriel os interrompeu. — Vocês não podem deixar pra namorar quando chegarmos em casa?

— Me desculpe, meu amor – ela se abaixou, beijando a cabeça do pequeno. — Vamos pra casa, teremos muito tempo pra matar as saudades, mas antes de tudo, os dois precisam tomar um bom banho.

— Eu concordo plenamente – admitiu Senji.

— Então vamos logo, tô morrendo de fome! E de sono também! – bocejou, deu o primeiro passo em direção à saída, quando repentinamente Senji o agarrou pelos braços, o colocando sobre os ombros. — Mãe, eu acho que fiquei mais alto.

— Posso ver isso – ela riu.

— Já que você se esforçou tanto quanto o senhor Kazékiu disse, hoje vou te dar uma carona até em casa. Mas não vai se acostumando!

— Você sempre diz isso... – ele apoiou os braços sobre a cabeça dele. — O que a gente vai jantar hoje?

— Você vai descobrir quando chegarmos.

— Nem uma dica?

— Não seja impaciente.

— É nessas horas que eu queria ter nascido com telepatia!

Eles caminhavam em direção à porta, enquanto mantinham a conversa. Era uma família saudável e feliz. Desfrutar dessa tranquilidade era algo que poucos podiam fazer.

Em algum lugar do universo – Desgárria, a Fortaleza dos Lowders –
Era da Oitava Conflagração, Tempus Chronus 2.370.567.

Desgárria era uma construção colossal, com o tamanho próximo de um planeta anão. Tinha a forma esférica, construída inteiramente com uma

liga de metal negro, e estaria perfeitamente camuflado no vácuo, se não fossem os anéis dourados que giravam ao seu redor, e o desenho de um sol, que se estendia por quase todo o corpo da arquitetura.

O interior da fortaleza era um ambiente escuro, decorado de forma que demonstrava todo o orgulho militar dos lowders, desde imagens de seus líderes ao longo das eras, a estátuas de ferro maciço, objetos representativos de cada planeta que destruíram e povos que exterminaram.

Os lowders eram bestas que possuíam grossas camadas de pelos dourados sobre a superfície de suas peles, olhos amarelos, de pupilas com a forma de fendas, com bocas preenchidas por dentes tão afiados como lâminas. Trajavam armaduras negras, que carregavam ao lado esquerdo do peito o símbolo de sua nação, o sol dourado.

Quase todo o exército das feras vivia no interior da fortaleza, incluindo o próprio Imperador, que fazia questão de liderar cada um dos ataques. A nação que deu início a guerra, a mais temida e poderosa.

Um jovem guerreiro lowder atravessava as pressas uma ponte suspensa, que dava direto com uma enorme porta dourada. Esta se abriu com a aproximação da besta, dando passagem para um salão circular, decorado com armas, objetos preciosos e uma coleção de cabeças empalhadas, de diferentes criaturas e seres.

— Meu senhor! – o jovem lowder se ajoelhou perante seu líder, sentado no trono ao final da sala.

O assento tinha cor negra, com detalhes em dourado, e a figura de um sol no encosto, cerca de dez escadas desciam dele até o chão, devia estar cinco metros acima do piso. Sentando nele estava Garo, o Imperador dos Lowders, uma besta enorme, robusto, imponente.

— Garougo! Tenho uma importante missão pra você! – declarou.

— O que desejar, meu pai!

— Vá ao Éden, e extermine uma pequena concentração de humanos! Não quero nenhum sobrevivente! – ordenou, com um olhar de fúria.

— Exterminar um grupo de humanos?!... – estranhou. — Não entendo. Não estou questionando suas ordens meu pai, mas... Pensei que os humanos já não fossem de seu interesse. Além disso, eles estão dentro do território da Signios. O que ganharíamos exterminando uma partícula dessa espécie inferior que valeria tal risco?

— Cale-se Garougo! Eu lhe dei uma ordem! Isso é tudo o que precisa saber! Faça o que mandei! Fracasso não será aceito! Entende o que quero dizer?! – enfurecido.

— Me desculpe, meu pai. Perdoe minha insolência! – suou frio.

— Assim está melhor! Mandei preparar uma N7 para levá-lo. Uma nave pequena conseguirá passar pelas defesas galácticas sem ser detectada, mas os sensores planetários conseguirão rastreá-la assim que adentrar o planeta. Eles devem mandar um grupo pequeno pra verificar, e assim que notarem com quem estão lidando, mandarão reforços, então seja breve e termine rápido sua missão. Leve alguns soldados se quiser, de preferência que sejam Recrutas ou Aspirantes.

— Entendido, senhor! Eu não falharei!

— Assim espero! Agora vá! – Garougo assentiu com a cabeça, e se levantou, se retirando rapidamente do salão. — É melhor que isso não seja apenas outra perda de tempo!

O príncipe do Império Lowder, Garougo, se movia em direção a Terra por ordens de seu pai. O pequeno planeta e seus habitantes se tornavam novamente alvo daqueles que o devastaram uma vez.